



poemas

viriato
da cruz

Wandirinho

COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

VIRIATO DA CRUZ

Colectânea

de

poemas

(1947 - 1950)

LISBOA

MCMLXI

LUCIO LARA

LARA
560

COLECCÃO AUTORES ULTRAMARINOS

Dirigida por

CARLOS EDUARDO
COSTA ANDRADE

- N.º 1 — *Amor* (Poemas, 1960) de M. António
N.º 2 — *A Cidade e a Infância* (Contos, 1960) de Luan-
dino Vieira
N.º 3 — *Fuga* (Poemas, 1960) de Arnaldo Santos
N.º 4 — *Poemas* de Viriato da Cruz (1961)

Viriato da Cruz nasceu em Porto Amboim, Angola, a 25 de Março de 1928. Foi um dos mais destacados elementos do *Movimento dos Novos Intelectuais de Angola*, surgido em Luanda por volta de 1950 com a revista literária MENSAGEM, órgão da Associação dos Naturais de Angola. Tem colaboração dispersa por vários jornais de Angola e Moçambique. Figura no *Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa*, de Francisco José Tenreiro e Mário P. de Andrade, na *Antologia da Poesia Negra de Expressão Portuguesa*, de Mário P. de Andrade, ed. de Pierre Jean Oswald, Paris, e na *Colectânea de Poetas Angolanos*, de Carlos Eduardo, edição da Casa dos Estudantes do Império, Lisboa.

COLECCÃO AUTORES ULTRAMARINOS

Dirigida por

CARLOS EDUARDO
COSTA ANDRADE

- N.º 1 — *Amor* (Poemas, 1960) de M. António
N.º 2 — *A Cidade e a Infância* (Contos, 1960) de Luan-
dino Vieira
N.º 3 — *Fuga* (Poemas, 1960) de Arnaldo Santos
N.º 4 — *Poemas* de Viriato da Cruz (1961)

makèzú

— «Kuakié!... Makèzú, Makèzú...»

.....

O pregão da avó Ximinha
É mesmo como os seus panos,
Já não tem a cor berrante
Que tinha nos outros anos.

Avó Xima está velhinha
Mas de manhã, manhãzinha,
Pede licença ao reumático
E num passo nada prático
Rasga estradinhas na areia...

Lá vai para um cajueiro
Que se levanta altaneiro
No cruzeiro dos caminhos
Das gentes que vão p'ra Baixa.

Nem criados, nem pedreiros
Nem alegres lavadeiras
Dessa nova geração
Das «venidas de alcatrão»
Ouvem o fraco pregão
Da velhinha quitandeira.

— «Kuakié!... Makèzú, Makèzú...»

— «Antão, véia, hoje nada?»

— «Nada, mano Filisberto...

Hoje os tempo tá mudado...»

— «Mas tá passá gente perto...

Como é aqui tás fazendo isso?»

— «Não sabe?! Todo esse povo

Pegô um costume novo

Qui diz qué civrização:

Come só pão com chouriço

Ou toma café com pão...

E diz ainda pru cima,
(Hum... mbundo kène muxima...)
Qui o nosso bom makèzú
É pra veios como tu».

— «Eles não sabe o que diz...
Pru qué qui vivi filiz
E tem cem ano eu e tu?»

— «É pruquê nossas raiz
Tem força do makèzú!...»

LUCIO LARA

s ô s a n t o

Lá vai o sô Santo...

Bengala na mão

Grande corrente de ouro, que sai da lapela

Ao bolso... que não tem um tostão.

Quando o sô Santo passa

Gente e mais gente vem à janela:

— «Bom dia, padrinho...»

— «Olá...»

— «Beçá cumpadre...»

— «Como está?...»

— «Bom-om di-ia sô Saaanto!...»

— «Olá, Povo!...»

Mas porque é saudado em coro?
Porque tem muitos afilhados?
Porque tem corrente de ouro
A enfeitar sua pobreza?...
Não me responde, avó Naxa?

— «Sô Santo teve riqueza...
Dono de musseques e mais musseques...
Padrinho de moleques e mais moleques...
Macho de amantes e mais amantes,
Beça-nganas bonitas
Que cantam pelas rebitas:

«Muari-ngana Santo
dim-dom
ual'o banda ó calaçala
dim-dom
chaluto mu muzumbo
dim-dom...»

Sô Santo...

Banquetes p'ra gentes desconhecidas
Noivado da filha durando semanas

Kitoto e batuque pró povo cá fora
Champanha, 'ngaieta tocando lá dentro...
Garganta cansando:

«Coma e arrebenta
e o que sobrar vai no mar...»

«Hum-hum
Mas deixa...
Quando o sô Santo morrer,
Vamos chamar um kimbanda
Para 'Ngombo nos dizer
Se a sua grande desgraça
Foi desamparo de Sandu
Ou se é já própria da Raça...»

Lá vai...

descendo a calçada
A mesma calçada que outrora subia
Cigarro apagado
Bengala na mão...

...Se ele é o símbolo da Raça
ou vingança de Sandu...

namoro

Mandei-lhe uma carta em papel perfumado
e com letra bonita eu disse ela tinha
um sorrir luminoso tão quente e gaiato
como o sol de Novembro brincando de artista nas
[acácias floridas
espalhando diamantes na fímbria do mar
e dando calor ao sumo das mangas
Sua pele macia — era sumaúma...
Sua pele macia, da cor do jambo, cheirando a rosas
sua pele macia guardava as doçuras do corpo rijo
tão rijo e tão doce — como o maboque...
Seus seios, laranjas — laranjas do Loge
seus dentes... — marfim...

Mandei-lhe essa carta
e ela disse que não.

Mandei-lhe um cartão
que o amigo Maninho tipografou:
«Por ti sofre o meu coração»
Num canto — SIM, noutro canto — NÃO
E ela o canto do NÃO dobrou

Mandei-lhe um recado pela Zefa do Sete
pedindo rogando de joelhos no chão
pela Senhora do Cabo, pela Santa Ifigénia,
me desse a ventura do seu namoro...
E ela disse que não.

Levei à avó Chica, quimbanda de fama
a areia da marca que o seu pé deixou
para que fizesse um feitiço forte e seguro
que nela nascesse um amor como o meu...
E o feitiço falhou.

Esperei-a de tarde, à porta da fábrica,
ofertei-lhe um colar e um anel e um broche,
paguei-lhe doces na calçada da Missão,
ficámos num banco do largo da Estátua,
afaguei-lhe as mãos...
falei-lhe de amor... e ela disse que não.

Andei barbado, sujo e descalço,
como um mona-ngamba.

Procuraram por mim

«— Não viu... (ai, não viu...?) não viu Benjamim?»
E perdido me deram no morro da Samba.

Para me distrair

levaram-me ao baile do sô Januário
mas ela lá estava num canto a rir

contando o meu caso às moças mais lindas do
[Bairro Operário

Tocaram uma rumba — dancei com ela
e num passo maluco voámos na sala
qual uma estrela riscando o céu!

E a malta gritou: «Aí, Benjamim!»

Olhei-a nos olhos — sorriu para mim

pedi-lhe um beijo — e ela disse que sim.

serão de menino

Na noite morna, escura de breu,
enquanto na vasta sanzala do céu
de volta de estrelas, quais fogaréus,
os anjos escutam parábolas de santos...

na noite de breu,
ao quente da voz
de suas avós,
meninos se encantam
de contos bantus...

«Era uma vez uma corça
dona de cabra sem macho...

.....
...Matreiro, o cágado lento
tuc... tuc... foi entrando
para o conselho animal...
(«— Tão tarde que ele chegou!»)
Abriu a boca e falou —
deu a sentença final:
«— Não tenham medo da força!
Se o leão o alheio retém
— luta ao Mal! Vitória ao Bem!
tire-se ao leão, dê-se à corça.»

Mas quando lá fora
o vento irado nas frestas chora
e ramos xuaxalha de altas mulembas
e portas bambas batem em massembas
os meninos se apertam de olhos abertos:

— Eué

— É casumbi...

E a gente grande —
bem perto dali
feijão descascando para a quitanda —
a gente grande com gosto ri...

Com gosto ri, porque ela diz
que o casumbi males só faz
a quem não tem amor, aos mais
seres buscam, em negra noite,
essa outra voz de casumbi
essa outra voz — Felicidade...

rimance da meina da roça

É a meina da roça
que se levanta
quando a noite
é mais escura
e o casumbi
é mais triste
e a meina
é mais bela

A meina da roça
é a meina da roça

A meina da roça
é a meina da roça

rimance da menina da roça

A menina da roça
está no terreiro
cosendo a toalhinha
pró seu enxoval...
— «Que céu tão lindo!,
e o encanto da mata!...
Ai, tanta beleza
no cafezal...»

A menina da roça terá poesia
terá poesia nos olhos de mel?

A menina da roça
chega à janela

e na estrada branca
a vista alonga...
— «É o carro a vir?!»
Não... é o bater compassado
do aço de enxadas
dos negros na tonga...

A menina da roça tem é um namoro
tem um namoro com um motorista

A menina da roça
veio à varanda
e os olhos erra
no verde à toa
— «Está ele a chegar?!»
Ah... são negros pilando
dendém para azeite
na grande canoa

(Prucutum, lá do telheiro,
vai chamar o meu amor)

A menina da roça
acorda à noite
ouviu um barulho
na escuridão

— «O carro chegou!...»

Oh... é o pulsar
apressado
do seu coração

(Porque bates tão depressa, coração alucinado?
coração alucinado, espera que o dia amanheça)

— «Já viu a minina?...»

«Hem... tem cor marela
do mburututu...»

— «E não come nem nada...»

— «E os olhos de mel
'tão-se afundar
num lago azul
que faz sonhar...»

Conversam as negras
à boca apertada

(Minha dor, ninguém a saiba —
não há perigo em que ela caiba)

A menina da roça
escuta dorida
a triste canção
que vem do rio.

Que vem do rio? — Que vem do peito:
baixinho, lá dentro,
chora de amor
o coração

Menina da roça — águas do rio
saudades da fonte... desejos de amar.

mamã negra

(Canto de esperança)

Tua presença, minha Mãe — drama vivo duma Raça
drama de carne e sangue
que a Vida escreveu com a pena de séculos.

Pela tua voz

Vozes vindas dos canaviais dos arrozais dos
[cafezais dos seringais dos algodoais...

Vozes das plantações da Virgínia
dos campos das Carolinas

Alabama

Cuba

Brasil...

Vozes dos engenhos dos banguês das tongas
[dos eitos das pampas das usinas

Vozes do Harlem District South

vozes das sanzalas

Vozes gemendo *blues*, subindo do Mississipi,
[ecoando dos vagões.

Vozes chorando na voz de Carrothers:

Lord God, what will have we done

Vozes de toda a América. Vozes de toda a África.

Voz de todas as vozes, na voz ativa de Langston
na bela voz de Guillén...

Pelo teu dorso

Rebrilhantes dorsos aos sóis mais fortes do
[mundo

Rebrilhantes dorsos, fecundando com sangue,
[com suor amaciando as mais
[ricas terras do mundo

Rebrilhantes dorsos (ai a cor desses dorsos...)

Rebrilhantes dorsos torcidos no *tronco*, pen-
[pendentes da força caídos por Lynch.

Rebrilhantes dorsos (ah, como brilham esses
[dorsos),

ressuscitados com Zumbi, em Toussaint ale-
[vantados.

Rebrilhantes dorsos...

brilhem, brilhem, batedores de jazz

rebentem, rebentem, grilhetas da Alma
evade-te, ó Alma, nas asas da Música!
... do brilho do Sol, do Sol fecundo
imortal
e belo...

Pelo teu regaço, minha Mãe

Outras gentes embaladas
à voz da ternura ninadas
do teu leite alimentadas
de bondade e poesia
de música ritmo e graça...
santos poetas e sábios...
Outras gentes... não teus filhos,
que estes nascendo alimárias
semoventes, coisas várias
mais são filhos da desgraça
a enxada é o seu brinquedo
trabalho escravo — folguedo...

Pelos teus olhos, minha Mãe

Vejo oceanos de dor
claridades de sol posto, paisagens
roxas paisagens

dramas de Cam e Jafé...

Mas vejo também (oh, se vejo...)

mas vejo também que a luz roubada aos teus

[olhos, ora esplende

demoniacamente tentadora — como a Certeza...

cintilantemente firme — como a Esperança...

em nós outros teus filhos,

gerando, formando, anunciando

— o dia da humanidade

O DIA DA HUMANIDADE...

ÍNDICE

MAKÊZÚ	7
SÔ SANTO	11
NAMORO	15
SERÃO DE MENINO	19
RIMANCE DA MENINA DA ROÇA	23
MAMÃ NEGRA (canto de esperança)	27

Composto e impresso nas oficinas
gráficas da Editorial Minerva
— Rua da Alegria, 30 — LISBOA